

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A AULA HISTÓRICA COMO METODOLOGIA CONTRIBUTIVA PARA A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO HISTÓRICO DOS ALUNOS

*Alcinea da Silva França Fraga**

Programa de Pós-Graduação em Educação-UESB
alcineafranca@gmail.com

*Edinalva Padre Aguiar***

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
edinalva.aguiar@uesb.edu.br

Resumo

Há algumas décadas tem crescido as pesquisas no campo do ensino de história e, no Brasil, elas têm ganhado destaque e se ampliado, principalmente, a partir da década de 1980. Dentro do interesse dessas pesquisas podemos observar que a aprendizagem histórica se tornou objeto de muitas delas e, como consequência, notamos um aprofundamento dos estudos sobre o desenvolvimento/formação do pensamento histórico dos estudantes. Esse tema tem contribuído para compreendermos questões relativas à noção de temporalidade histórica dos alunos, auxiliando a pensar um ensino de história que ultrapasse as simples narrativas cronológicas e permita ao educando a possibilidade de pensar o passado a partir de questões apresentadas pelo presente, favorecendo a produção de sentidos por parte desses educandos. Para isso, Borries (2016, p.171) afirma que a história deve ser entendida como “um modelo de pensamento”[...] e que o ensino de História deveria construir competências do pensamento histórico”. Sob essa perspectiva, a Aula Histórica apresenta-se como uma ferramenta importante, pois permite que o professor investigue as carências e interesses dos alunos; escolha os conceitos substantivos e epistemológicos a serem trabalhados de acordo com essa investigação; disponha de estratégias de estudo que, por meio da utilização de fontes, contribuam para a atribuição de sentidos; oriente os alunos na elaboração de narrativas que expressem o pensamento histórico dos mesmos; e possa verificar, a partir da perspectiva da metacognição, quais ideias históricas os alunos têm acerca do que aprenderam. Portanto, a proposta possibilita um ensino que preconiza ao professor o papel de pesquisador e ao estudante o de construtor de um conhecimento que supera o que Schmidt (2020) chama de “didática da cópia”. Tais reflexões sobre pensamento histórico e aprendizagem histórica integram parte da pesquisa de mestrado

* Mestranda em Educação. Professora de História do Colégio Estadual Horácio de Matos (CEHM/SEC-BA), Mucugê-Bahia. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino de História (LAPEH/UESB). E-mail:alcineafranca@gmail.com

** Doutora em Educação. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Ensino de História (LAPEH/UESB). E-mail: edinalva.aguiar@uesb.edu.br

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UESB), que pretende analisar se a Educação Patrimonial pode contribuir para a formação do pensamento histórico dos discentes do Ensino Médio do Colégio Estadual Horácio de Matos em Mucugê, Bahia. Diante do exposto, pretendemos aqui apresentar a Aula Histórica como metodologia contributiva para a formação do pensamento histórico dos alunos bem como para a efetivação da pesquisa que ora realizamos.

Palavras-chave: Aula Histórica; Pensamento Histórico; Aprendizagem Histórica; Educação Patrimonial;

Apresentação

É comum, em seus desabafos, encontrarmos professores preocupados com a pouca aprendizagem e com o desinteresse dos discentes. No Colégio Estadual Horácio de Matos, em Mucugê-BA, não tem sido diferente. Leciono a disciplina História nessa instituição desde 2005 e, a cada ano, é sentida a diminuição do interesse dos estudantes pelos estudos, evidenciado também nas baixas notas. Acreditava que tal atitude, que costumamos denominar como “descaso com a aprendizagem”, devia-se à falta de perspectiva dos educandos com relação aos seus projetos de vida e ao possível desconhecimento da função social que a escola exerce.

Em 2018, um professor de Sociologia das turmas do 3º ano, dessa mesma instituição, desenvolveu um projeto sobre a comunidade quilombola de Bananal no município de Rio de Contas-BA, próximo a Mucugê. Ao acompanhar a realização das pesquisas, as visitas aos lugares históricos e à comunidade quilombola daquela cidade, pude observar a empolgação e o empenho dos alunos na efetivação das atividades. Além disso, também refleti sobre alguns momentos em que desenvolvi propostas de visitação a lugares destacados como patrimônio da nossa cidade e pude verificar o quanto os alunos se mostram curiosos pelo tema.

As inquietações e observações conduziram-me à percepção de que a tal falta de interesse dos alunos pode ter relação com a carência de significação entre o que é estudado e o que é vivido por eles e despertaram-me o empenho em investigar esse

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

fenômeno. Portanto, essas preocupações resultaram no objeto de nossa pesquisa de mestrado, conforme indicado acima, que se insere na área de Educação Histórica.

De acordo com os estudos sobre Educação Histórica promovidos por Cainelli (2008), Germinari (2014), Parkes (2014), Pinto (2015), é notória a necessidade de uma intervenção para que os alunos desenvolvam uma visão mais crítica da realidade contribuindo na formação de seus pensamentos históricos. Por isso, no presente artigo consideramos necessário discutir o conceito de pensamento histórico, visando contribuir com o ensino de história e promover uma aprendizagem histórica com significação para a vida e também apresentar a Aula Histórica como metodologia contributiva para a formação do pensamento histórico dos alunos.

Pensar historicamente: possibilidade de um ensino de história com significação para vida

Durante muito tempo e ainda hoje, é possível encontrarmos um ensino de história que promove uma aprendizagem conteudista e que reforça padrões de seletividade e exclusão de determinados grupos na sociedade. Esse tipo de ensino que denominamos de tradicional ou como classificou Paulo Freire, educação bancária, costuma utilizar estratégias que legitimam a naturalização dos fatos e a reprodução de narrativas que favorecem a desigualdade e o domínio de um grupo sobre o outro.

Como parte das críticas a esse contexto, a partir de finais do século XX, em várias partes do mundo e também no Brasil, começa a haver um crescimento das pesquisas no campo do ensino de história e

sob a influência de teorias de desenvolvimento educacional, cultural e social que rejeitam o aprendizado como uma recepção do conhecimento, “o pensamento histórico” surgiu como um termo usado pelos professores de história para rejeitar o ensino de história como uma simples função de memorização e repetição (PARKES, 2014, p. 140, grifo do autor).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Com esse mesmo ponto de vista Borries (2016) informa que o ensino de história não deve servir apenas como um

cânone de dados para conservar e transmitir para a próxima geração da sociedade [...] mas uma maneira de construir competências de pensar historicamente diferentes contextos (como raça, língua, idade, sexo, religião, cultura, região, classe, poder, riqueza, profissão, consumo, estilo de vida, mentalidade) (BORRIES, 2016, p. 175).

É possível observar que dentro do interesse dessas pesquisas a aprendizagem histórica tornou-se objeto de muitas delas, sendo o desenvolvimento/formação do pensamento histórico um dos focos em diversos desses estudos. Ao abordarmos analiticamente o pensamento histórico dos alunos, estamos investigando sua aprendizagem histórica. O que significa que temos a possibilidade de compreender como eles aprendem história e assim identificar qual a melhor maneira de ensinar uma história que lhes permita desenvolverem competências próprias do pensamento histórico. De acordo com Barca (2004, p. 15), essa forma de pensamento

[...] não se limita a uma interpretação parcelar e linear das fontes; alimenta-se de narrativas progressivamente construídas, criticadas e reconstruídas. Este caminho é percorrido por quem interpreta e por quem aprende, e é essencial para a construção de sínteses progressivamente contextualizadas.

No mesmo sentido, Siman (2005, p. 140) afirma que pensar historicamente,

é condição para a autonomia e emancipação dos sujeitos face às manipulações da história; é condição para o engajamento social e político dos sujeitos; é condição necessária para a abertura ao outro, ao diferente de nós, em diferentes tempos e espaços históricos”.

Ainda contribuindo para a compreensão dessa categoria, Siman (2005) indica algumas características do que seja pensar historicamente. Assim, para esta autora

pensar historicamente supõe a capacidade de identificar e explicar permanências e rupturas entre o presente/passado e futuro, a capacidade de relacionar os acontecimentos e seus estruturantes de longa e média duração em seus ritmos diferenciados de mudança;

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

capacidade de identificar simultaneidade de acontecimentos no tempo cronológico; capacidade de diferenciar diferentes dimensões da vida social em contextos sociais diferentes. Supõe identificar, no próprio cotidiano, nas relações sociais, nas ações políticas da atualidade, a continuidade de elementos do passado, reforçando o diálogo passado/presente (SIMAN, 2005, p. 119).

O pensamento histórico é “um termo universal que abarca uma série de abordagens e modelos do ‘fazer história’” (PARKES, 2016, p. 142, grifo do autor). Dessa forma,

o ensino de História deveria construir competências do pensamento histórico. A história deve ensinar mais a partir de múltiplas perspectivas e deveria iniciar a partir das necessidades e experiências dos próprios alunos. A partir disso, o currículo poderia ir no sentido de explorar processos de mudanças, eventos específicos de importância crítica para os estudantes e pesquisas metodológicas (BORRIES, 2016, p. 171).

Para desenvolver um aprendizado que ultrapasse as simples narrativas cronológicas, que desconstrua narrativas já consolidadas e reconstrua novas narrativas é necessário que haja métodos que auxiliem especificamente nesse processo.

A Aula Histórica como metodologia contributiva para a formação do pensamento histórico dos alunos

De acordo com Schmidt (2020, p. 128),

a nova concepção de aprendizagem baseada na cognição histórica situada impôs o desafio da proposição de uma metodologia de ensino específica para modos de aprender que pudessem incorporar o processo de formação do pensamento histórico e da consciência histórica de jovens e crianças. Significa, principalmente, a proposição de uma nova didática da História, o que levou a um adensamento do diálogo com a filosofia e a teoria da história, particularmente com o pensamento ruseeniano.

Segundo nossa compreensão, a Aula Histórica apresenta-se como uma

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ferramenta importante para a efetivação dessa proposta de aprendizagem. Por meio dela, o aluno, orientado pelo professor, fará o percurso metódico da investigação histórica, partindo de questões que se apresentam no presente, na vida prática, analisando as fontes e, em seguida, produzindo narrativas a partir dessa análise. Conforme a autora sinaliza

acredita-se que, ao utilizar a metodologia da “Aula Histórica”, o professor poderá, juntamente com os seus alunos, realizar o percurso da produção do conhecimento histórico. Isso não significa que o objetivo é transformar os alunos em historiadores, mas contribuir para a formação do pensamento histórico e da consciência histórica. (SCHMIDT, 2020, p. 133, grifo da autora).

Por se tratar de uma metodologia, a Aula Histórica obedece a determinados procedimentos, organizados em uma primeira matriz em 2016 por Maria Auxiliadora Schmidt, e utilizada como referência para as Diretrizes Curriculares para o ensino de História da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, Paraná. Essa matriz foi reformulada e sua segunda versão apresentada no livro *A Didática Reconstrutivista da História*, lançado em 2020.

De acordo com Schmidt (2020, p. 133), “o elemento central da matriz é a formação de sentido por meio da aprendizagem histórica, a partir da relação entre vida prática e a ciência da História”. Para isso, a autora indica como primeiro passo a investigação das carências e interesses dos estudantes. Apesar de, a princípio, essa fase parecer-se com o levantamento dos conhecimentos prévios promovidos na Aula Oficina elaborada por Barca (2004), Schmidt (2020) chama atenção para a distinção na forma e na perspectiva de uma e de outra. Diferente da Aula Oficina, Schmidt (2020, p. 133) afirma que

a finalidade [da Aula Histórica] não é conduzir ao processo de mudança ou maior complexidade das ideias, mas realizar o percurso da metódica da ciência, para a formação do pensamento histórico e desenvolvimento da competência de atribuição de sentido.

Portanto, para o desenvolvimento da metodologia da Aula Histórica, Schmidt (2020) propõe 5 momentos:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

1º momento:

Levantamento e categorização das carências e interesses dos alunos a partir de questionamentos feitos à prática social também conhecida como vida prática.

2º momento:

Escolha feita pelo professor dos conceitos substantivos (conteúdos) e dos conceitos epistemológicos conceitos históricos que são as estratégias cognitivas do pensamento histórico.

3º momento:

Organização metodológica realizada pelo professor com a utilização do uso das fontes primárias e secundárias.

4º momento:

Quando os estudantes devem expressar os sentidos produzidos por meio de narrativas.

5º momento

Sistematização da avaliação. De acordo com Schmidt (2020, p. 139) essa sistematização junto com a avaliação contínua “a partir da perspectiva da metacognição (o que os sujeitos sabem acerca do que eles aprenderam), fazem com que as crianças e jovens percebam o seu próprio processo de aprender”.

Educação Patrimonial e formação do pensamento histórico: a Aula Histórica como instrumento de coleta/produção de dados

No que diz respeito à pesquisa de mestrado que ora realizamos, a Aula Histórica demonstrou ser bastante apropriada como instrumento para coleta/produção de dados, pois, para analisarmos se a Educação Patrimonial contribui para a formação do pensamento histórico dos discentes do Colégio Estadual Horácio de Matos em Mucugê, Bahia, será necessário que desenvolvamos aulas/atividades voltadas para essa finalidade.

Conforme citado anteriormente, o momento inicial da Aula Histórica é a investigação das carências de orientação e interesse dos alunos, partindo da sua vida

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

prática. Na segunda matriz da Aula Histórica Schmidt (2020) inclui a memória e o patrimônio material e imaterial como elementos que integram a vida prática e, portanto, essa investigação das carências pode ser realizada a partir desses elementos. Desse modo, o patrimônio histórico-cultural e a história de Mucugê, local onde residem os sujeitos da pesquisa, serão o nosso ponto de partida e de chegada para a realização da Aula Histórica. Além disso, esses temas também constituirão os conteúdos substantivos a serem trabalhados no terceiro momento da Aula Histórica e, portanto, podem representar um papel importante para a discussão sobre a formação do pensamento histórico dos alunos por promoverem essa aproximação entre o que é estudado e a vida prática deles.

Mucugê situa-se no interior da Bahia, na região da Chapada Diamantina, e é uma cidade bastante conhecida por suas riquezas naturais, manifestações culturais e pelo estilo arquitetônico que ainda conserva características de sua formação, ocorrida no século XIX. Também possui sítios arqueológicos, ainda pouco conhecidos e divulgados, que podem se tornar grandes objetos de estudo.

A partir dos anos 1980, alguns imóveis de Mucugê foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e, em virtude disso, muitas de suas características originais foram preservadas. A cidade também conta com alguns espaços destinados a estudos e à preservação da memória local, abertos à visitação pública como o Centro Cultural, o Projeto Sempre-Viva e o Museu Vivo do Garimpo.

Com relação à nossa pesquisa, utilizaremos como foco as fontes referentes ao período caracterizado pela extração e comercialização do diamante por ser uma memória bastante evocada pela sociedade e pouco problematizada. Além disso, esse momento está vinculado aos fatos que contribuíram para a formação da cidade.

As fontes sobre o período caracterizado pelo garimpo são bastante importantes para compreendermos as relações sociais e os estilos de vida que se constituíram por meio do garimpo. Nossa investigação pretende planejar e realizar atividades que problematizem uma história mais plural e mais diversa, além de estimular a vontade do estudante em observar, identificar e se identificar com o patrimônio cultural da região em estudo.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Com as atividades realizadas no desenvolvimento desta pesquisa, problematizaremos: Qual a concepção dos alunos sobre patrimônio histórico-cultural; Em que medida o estudo do patrimônio e a Educação Patrimonial contribuem para o pensamento histórico desses alunos; Que usos são feitos do patrimônio histórico-cultural de Mucugê; Como os alunos percebem as mudanças e permanências desses usos ao longo do tempo.

Deste modo, apesar de estarmos em fase de revisão e ajustes dos instrumentos de pesquisa, já organizamos os passos iniciais explicitando como a Aula Histórica será realizada nesse processo:

1º momento investigação das carências de orientação e interesse dos alunos. Será dividido em 2 aulas:

1ª aula: Contato inicial

- Me apresentar à turma previamente selecionada
- Aplicar uma dinâmica para estabelecer uma aproximação com os sujeitos
- Solicitar que os estudantes se apresentem
- Apresentar nossa proposta de pesquisa e pedir para que os alunos respondam o questionário socioeconômico

2ª aula: levantamento do conhecimento dos alunos sobre patrimônio e sobre a atividade do garimpo em Mucugê

- Aplicação do questionário sobre o que é patrimônio
- Aplicação do questionário referente às atividades relacionadas ao garimpo em Mucugê

2º momento: análise das respostas dos alunos e escolha dos conceitos substantivos e dos conceitos epistemológicos a serem desenvolvidos no momento seguinte.

A investigação realizada na etapa anterior permitirá identificar e responder a alguns questionamentos que configuram as questões secundárias do nosso problema de pesquisa e nos auxiliará a escolher os conteúdos substantivos e epistemológicos a serem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História

Rio de Janeiro/RJ, 2021

trabalhados na “Aula Histórica”. Como questões secundárias, as perguntas direcionadas aos alunos deverão responder às seguintes indagações:

- a) os alunos do Colégio Estadual Horácio de Matos conhecem a história da cidade e por quais meios?
- b) que concepções eles têm sobre patrimônio histórico-cultural?
- c) que ideias trazem sobre a história de Mucugê e seus patrimônios?

3º momento: desenvolvimento dos conceitos substantivos e epistemológicos

Para trabalhar as carências que se apresentarem no levantamento, precisaremos de 2 etapas. A 1ª será destinada ao trabalho dos conceitos relacionados ao patrimônio histórico-cultural e a 2ª às atividades relacionadas ao contexto do garimpo em Mucugê.

4º momento: Produção de narrativas

O conhecimento alcançado coma realização das atividades deverá ser comunicado por meio da elaboração de narrativas por parte dos alunos. Estas poderão ser representadas na utilização de exposições, apresentações literárias, produção e exibição de vídeos, dentre outros. Por meio dessas narrativas os alunos poderão expressar os seus pensamentos históricos e perceber seus processos de aprender.

5º momento: Avaliação

Essa avaliação será realizada a partir da perspectiva da metacognição, ou seja, o que os alunos concebem acerca do que aprenderam. Para isso, a professora-pesquisadora, ao analisar as narrativas históricas produzidas pelos alunos, observará a atribuição de sentidos feita por eles, seguindo alguns critérios como a articulação do conteúdo, forma e função do conhecimento estudado com sua vida prática. Portanto, durante todo o processo de desenvolvimento das atividades a professora-pesquisadora poderá analisar se os alunos desenvolveram:

- Os conceitos epistemológicos identificados no momento da investigação das carências de orientação.
- O pensamento histórico, ao verificar se em suas narrativas fizeram referência às fontes e se conseguem se orientar temporalmente ao utilizar os marcadores

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

temporais (passado, presente, futuro).

Considerações finais

Diante da preocupação nos estudos sobre a aprendizagem histórica, reforçamos a importância do estudo do pensamento histórico dos alunos como uma forma de tentarmos compreender a maneira como eles aprendem, podendo assim, de maneira mais assertiva, promover um ensino de história que rompa com a prática da simples reprodução de conteúdo e que legitime comportamentos de exclusão na sociedade. Para isso, torna-se importante o papel do professor-pesquisador e a Aula Histórica, embora não seja a única possibilidade metodológica, fornece um arcabouço necessário para a realização dessa tarefa.

No caso específico de nossa pesquisa, ressaltamos que a Aula Histórica se mostrou o instrumento ideal para a coleta/produção de dados, por tudo que reportamos acerca de suas características. Ao final da pesquisa, esperamos contribuir para o campo do Ensino de História, bem como para a área da Educação Histórica, notadamente no que tange à aprendizagem histórica e ao desenvolvimento/formação do pensamento histórico.

Referências

BARCA, Isabel. Aula oficina: do projeto à avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144. Disponível: http://sefarditas.net.br/ava/aula_oficina/isabel_barca1.pdf. Acesso em: 09 de out. 2020.

BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão Rezende; SCHIMIDT, Maria. Auxiliadora. (Orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: ED. UFPR, 2010.

BORRIES, Bodo Von. Competência do pensamento histórico, domínio de um panorama histórico ou conhecimento do cânone Histórico? In: **Educar em Revista**. Curitiba: Brasil, n.60, p.171-196, abril/jun, 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

CAINELLI, Marlene Rosa. A construção do pensamento histórico em aulas de História no ensino fundamental. In: **Revista Tempos Históricos**. Vol 12 – 1º semestre – 2008 – p.97-109.

GERMINARI, Geyso Dongley. O desenvolvimento do pensamento histórico na Educação Infantil: possibilidades do trabalho com arquivos familiares. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 43, septiembre-diciembre, 2014, p. 805-819.

PARKES, Robert J. Concepções em mudança do pensamento histórico no ensino da história: um estudo do caso australiano. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n. 11, p.137-161, jan./abr.2014.

PINTO, Helena. Educação patrimonial e educação histórica: contributos para um diálogo interidentitário na construção de significado sobre o passado. **Diálogos** (Online), v. 19, n.1, p. 199-220, jan.-abr./2015.

RÜSEN, Jörn. No caminho para uma pragmática da cultura histórica. In: RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas**. Curitiba: W. A. Editores, 2012, p. 129-140.

RÜSEN, Jörn; tradução de Estevão C. de Rezende Martins. **Teoria da história: uma teoria da história como ciência**. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Didática reconstrutivista da História**. Curitiba: CRV, 2020.

SCHIMDT, Maria Auxiliadora; SOBANSKI, Adriane de Quadros(orgs.). **Competências do pensamento histórico**. Curitiba: W.A. EDITORES, 2020. (Coleção Educação Histórica, 2)

SIMAN, Lana Mara de Castro. A temporalidade histórica como categoria central do pensamento histórico: desafios para o ensino. In: DE ROSSI, Vera Lúcia S; ZAMBONI, Ernesta. (Org). **Quanto tempo o tempo tem!** Educação, filosofia, psicologia, cinema, astronomia, psicanálise, história. Campinas-SP: Editora Alínea, 2005, p. 109-143.